
DO ESPAÇO AO LUGAR. DO LUGAR ÀS REMODELAÇÕES SÓCIO-ESPACIAIS

Marluci Menezes

Universidade Nova de Lisboa – Portugal

Resumo: *Partindo do pressuposto que a objectividade e visibilidade do espaço é possível através do estudo do “lugar”, abordo algumas perspectivas de âmbito teórico e empírico que, no decurso da investigação em contextos urbanos, têm-me permitido reflectir sobre os processos de manutenção e transformação socio-espaciais. Utilizo como parâmetro balizador desta reflexão a ideia de “remodelação”, por entender que esta permite entender as dinâmicas socio-espaciais como processos de (re)criação ou invenção constante dos espaços-habitat, das formas de habitar e das formas de pensar o habitat.*

Palavras-chave: *Lugar, memória, projecto e remodelação.*

Abstract: *Considering the undertaken that the objectivity and visibility of the space are possible through the study of the “place”, boarding some perspectives of theoretical and empirical scope that, in the continuation of the inquiry in urban contexts, have allowed me to reflect on the processes of maintenance and transformation. I use as parameter maker of this reflection the idea of “remodeling”, for understanding that this allows to understand the social and spatial dynamics as processes of (re)creation or constant invention of the space-habitat, of the forms to inhabit and of the forms to think the habitat.*

Keywords: *Place, memory, design/project and remodeling.*

Das dinâmicas sócio-espaciais às maneiras de olhar

Creio que a observação que Otávio Velho (1996, p. 57) fez sobre a importância em se compreender o processo de globalização “como perspectiva – e não apenas como *objecto*” –, pode ser um bom começo para se estudar as dinâmicas socio-espaciais. Para o autor este processo “parece alterar signifi-

cativamente a maneira pela qual são abordadas as temáticas usuais das ciências sociais”, dado que a globalização coloca-se como “pano de fundo” dos processos e das articulações intersociais, bem como das reflexões sobre eles. De facto, esta aproxima sujeitos e objectos, relativiza oposições – como a que opõe o local e o global – e combina “tendências paradoxais” – como é o caso dos processos de homogeneização e de heterogeneização.

Mas operacionalizar esta *perspectiva de conhecimento* não é uma tarefa fácil. Olhar e produzir conhecimento sobre a cidade surge quase como um processo de “descoser” e “coser” de uma enorme “manta de retalhos” que, entretanto, se constitui a partir de uma lógica mais abrangente e que não se limita à(s) peça(s) que visualizamos (*que agulha servirá para coser a manta?*). Notar que, a par dos fenômenos de massificação cultural e globalização da economia, as diferenças continuam, se multiplicam e se complexificam. Mais ainda: aquilo que nos surge como diferente é muitas vezes o resultado das combinações e articulações entre razões (como a global e a local) e processos (como os de manutenção e transformação) aparentemente distintos.

Parece-me que, para se compreender as dinâmicas socio-espaciais, é importante ter em conta os seguintes aspectos: (i) as referências socio-espaciais são, cada vez mais, o resultado da justaposição, sobreposição ou correlação de vários elementos, suscitando a existência de significações múltiplas e combinadas; (ii) o movimento dialéctico existente entre a razão global e a razão local suscita a utilização de escalas de mediação ou intermediação entre estas duas ordens (ou razões).¹ Como sublinhou Firmino da Costa (1995, p. 121), é

¹ Respeitante a adopção de uma abordagem em escala é interessante destacar a perspectiva do geógrafo Milton Santos (1995). Para o autor a “ordem global” organiza a população e os objectos num sistema que é regido por uma lei única, sendo a sua organização sinónimo de informação. Já a “ordem local” é respectiva à contiguidade territorial da população e dos objectos, sendo regida pela interacção e cuja razão é orgânica e sinónimo de comunicação. Portanto, aquilo que permite distinguir o global do local é o facto do primeiro encontrar-se numa posição superior ou exterior às escalas do quotidiano – respeitantes ao local. E, os parâmetros que permitem definir a “ordem global” referem-se à sua “razão técnica e operacional, o cálculo da função, a linguagem matemática” e dependem da “tecnosfera”. O quotidiano é definido por parâmetros de “co-presença, vizinhança, intimidade, emoção, cooperação e socialização, numa base de contiguidade”, de modo que “o quotidiano imediato, vivido localmente, trata da união de todos estes elementos e este é a garantia da comunicação”, sendo a sua esfera de dependência a “psicosfera”. Recolocadas em termos das suas respectivas relações, a “ordem global” é definida por relações de informação e pela sua verticalidade (formada de pontos), enquanto a “ordem local” é definida por relações de comunicação e pela sua horizontalidade (território).

importante compreender os “fenômenos sociais – tais como os de localidade ou de organização” – a partir das escalas intermediárias que se estabelecem entre dois eixos complementares: um *eixo vertical* – que “designa uma escala intermediária de agregação, entre os indivíduos e aquela dos sistemas da sociedade” – e um *eixo horizontal* – que “corresponde aos objectos sociais contextualizados e em interacção”.

Para além destes aspectos, defendo que a noção de “lugar” se apresenta significativa para as questões que vou discutir. Devo ressaltar porém que não refiro-me aqui a noção de “lugar antropológico” como a entende Marc Augé (1994), mas sim à noção de “lugar” tal como é desenvolvida por Norberg Schulz (1992). Nela a objectividade e a respectiva visibilidade do espaço são possíveis porque o lugar se expressa por propriedades concretas e é uma componente da própria noção de espaço. Segundo Schulz tais propriedades se distinguem em *primárias* – relação entre espaço externo e interno – e *secundárias* – centralização, direcção e ritmo. Estas propriedades são moduladas pelos processos de *cognição* – capacidade de interiorizar o que é visto e de exteriorizar construtivamente aquilo que já foi visto –, *direcção* – ao centralizar a visão de um espaço, o lugar é indicador de uma direcção e de um percurso –, *simbolização* – a cognição dá-se através de um símbolo, de modo que o acto de simbolização tem um significado que é perceptível através de um instrumento.² Mas o lugar também é aqui entendido como um “mundo habitado”, um espaço-habitat que é “produzido e organizado pela sociedade, por um grupo social, sobre o qual cada sociedade, cada grupo, desenvolve e articula as suas relações” (Casal, 1986, p. 44).³

Se torna relevante considerar o lugar através de uma perspectiva relacional que, ao objectivar a realidade socio-espacial e ao servir como *locus* para a observação dos fenómenos que constituem essa realidade, fornece instrumentos para o conhecimento das relações de comunicação - respeitantes a uma razão local – e de informação – respeitantes a uma razão global. É nesse sentido que Milton Santos nos diz que “o lugar não poder ser considerado como passivo mas sim como globalmente activo” (Santos, 1995, p. 135).

² Segundo Schulz (1992) os elementos aqui descritos como aqueles que dão expressão a identidade do lugar referem-se ao *lugar artificial* por oposição ao *lugar natural*.

³ Casal (1986) refere que a análise sociológica do espaço não deve estar condicionada a organização da forma espacial, pelo facto do principal elemento de análise sociológica ser a organização social.

O espaço é produto e produtor das relações sociais, ao que se pode inferir que as práticas sociais de uso, apropriação e percepção enunciam representações do mesmo (Pellegrino, 1981, 1986). Ao se ligar as representações às práticas socio-espaciais é possível estabelecer-se uma relação dialéctica entre organização espacial e organização social e, neste sentido, uma aproximação com os critérios que são seleccionados na construção de um lugar.

Devo ainda referir três pontos essenciais para o estudo antropológico da cidade contemporânea. Um primeiro remete para o conhecimento dos mecanismos sociais que são colocados em acção ao nível da percepção, arranjo e organização do espaço e à capacidade de (re)produção da ordem socio-espacial enquanto uma lógica representativa (a constância dos elementos) e/ou operativa (introdução de novos elementos e respectiva transformação de uma ordem já existente). Contudo, os processos de transformação do espaço parecem lidar com os “lugares ausentes” (Silvano, 1996), fenómenos de *deslocalização* – Augé (1994) fala-nos em “não lugares” – ou com um “transbordar” de signos e significados (Jeudy, 1995), dificultando ainda mais o olhar. Se uma abordagem escalonada auxilia a análise daquilo que parece “transbordar”, também é necessário estar atento ao facto de que o acto de *deslocar* pode igualmente significar uma mudança ou invenção de um lugar. Um segundo ponto ganha então forma: o conhecimento das representações colectivas é, neste texto, operacionalizado a partir das noções de memória social (como estratégia de manutenção) e de projecto (como estratégia de invenção/criação), noções que permitem uma aproximação com os “lugares ausentes”. Já um terceiro ponto é formalizado pela ideia de remodelação, concebida enquanto processo de (re)criação ou invenção constante dos *espaços-habitat*, das *formas de habitar* e das *formas de pensar o habitat*.

Lugar: estrutura basilar para compreensão do espaço

Lisboa é a cidade que escolhi para reflectir sobre o espaço. Lisboa, cidade formada por um conjunto de lugares – Alfama, Bica, Madragoa, Mouraria, Bairro Alto, Graça, Campo de Ourique, Ajuda, Belém, Restelo, Musgueira, Casal Ventoso, e tantos outros [...] –, que o imaginário colectivo convencionou chamar de bairros, complexificando ainda mais a sua análise. Como dizer que um bairro é, também, um lugar? Onde começa e termina um bairro? O que diferencia um bairro do outro? Como ser de Lisboa e de um bairro ao mesmo tempo?

O que torna um bairro num contexto específico?

Um dos elementos introdutórios para se compreender um lugar é conhecer como é a sua organização e arranjo socio-espacial. A consideração de especificidade de um lugar diz respeito à intensidade da sua demarcação, referindo-se ao seu grau de abertura (ou de fechamento). A maior ou menor densidade entre os elementos de demarcação é que define o grau de abertura (ou fechamento) de um lugar ao exterior e por conseguinte possibilita identificar o carácter do lugar. Recorre-se aqui a ideia de limite, pois essa é essencial à constituição e representação dos sistemas socio-espaciais. Mas a ideia de limite aqui adoptada resulta daquilo que Remy (1986) designou pela sua “qualidade intersticial” e que se opõe ao seu entendimento como uma linha de demarcação, conforme é definido pelas fronteiras políticas e/ou administrativas. O limite é, então, concebido como um lugar de comunicação que permite a “transposição de um território a outro”, ultrapassando as noções de exterioridade e exclusão. Jean Remy discute os interstícios através das noções de *externo* – aquele que se define a partir das relações estabelecidas com o exterior –, e de *interno* – aquele que se define a partir de uma certa distância com o quotidiano exterior, podendo ainda ser uma ocorrência positiva ou negativa.⁴

Tome-se por exemplo a postura que dois bairros de Lisboa, a Madragoa (Menezes, 1996, 1998) e o Casal Ventoso (Menezes, 1992, 1994), assumem em termos da sua organização espacial e respectiva organização social. Ao considerar a densidade entre os seus elementos limites como um indicador representativo da ordem espacial – permitindo relacionar a qualidade das zonas externas, internas e intermédias com as condutas sociais de uso e apropriação do espaço (respectivamente formalizadas através da constituição de territórios primários, secundários e terciários e/ou territórios privados, públicos, semi-privados e semi-públicos) – observou-se que ambos os bairros possuem um fraco grau de abertura para o exterior. Isto é, apesar da proximidade de importantes eixos viários e da relativa centralidade urbana, estes encontram-se – condicionados pela topografia em declive e pelas barreiras edificadas – relativamente

⁴ Os interstícios internos podem ser tratados pela sua marginalidade, podendo ser considerados como uma ocorrência positiva, naquilo que concerne a sua “alta legitimidade”, fugindo assim aos mecanismos da exclusão. Enquanto, por outro lado, a sua “alta visibilidade”, conota-o negativamente. Deste modo, tratar os interstícios em termos de uma conotação positiva ou negativa é possível através do conhecimento de como estes são usados pelos indivíduos ou grupos (Remy, 1986).

fechados para o exterior. Mas se as condicionantes topográficas e o próprio tecido edificado destes bairros peculiariza-os urbanisticamente, importa ainda verificar como que cada um deles se torna específico a par da suas respectivas práticas socioculturais de uso, apropriação e representação do espaço.

Na Madragoa, as ruas estreitas que se desenvolvem num plano ortogonal, as travessas inclinadas, as casas simples das pessoas ali residentes, os edifícios que dão prestígio social ao bairro, os espaços de convívio, as festas e rituais, a memória e um imaginário colectivo que se socorre de personagens que peculiarizaram o bairro no contexto da cidade – as varinas, os pescadores e os ardinás –, são alguns dos indicadores das formas de arranjar e efectivar limites orientadores e qualificadores do espaço. Contudo, como falar em espaço sem falar no tempo? Remy (1986) também refere que os limites variam no tempo e estas variações são um dos “elementos constitutivos da territorialidade”. Neste sentido, uma aproximação com os elementos que permitem o reconhecimento do lugar Madragoa variam em função da origem sociocultural do habitante e do percurso residencial subjacente, mas é sobretudo o factor tempo – aqui entendido pelo tempo de residência no bairro – que permite ao habitante o reconhecimento ou a legitimação de um território conforme é tradicionalmente identificado. Contudo, ressalva-se que um dos aspectos que irá permitir o reconhecimento dos limites evocados pelos moradores mais antigos da Madragoa acerca do que é o bairro, está intimamente relacionado com o protagonismo que as acções-práticas simbólicas tradicionalmente aceites assumem em termos do uso-apropriação do espaço vivido.⁵ A lógica de arranjo e qualificação do espaço da Madragoa expressa-se pela sua “alta visibilidade” – colectivamente conotada com um carácter positivo.⁶

O conhecimento da organização do espaço do bairro da Madragoa através dos seus dispositivos de demarcação permite realçar os seguintes aspectos: (i) a conjugação colectiva de uma variedade de factores (e.g.: tempo de residência no bairro, percurso residencial, características socioculturais, círculo de conhecimentos/sociabilização, entre outros...), permite o reconhecimento

⁵ “O comportamento espacial é em parte a tradução da necessidade de comunicar com outrem e, em parte, a consequência da necessidade de estar em segurança no meio de coisas significativas, porque familiares” (Claval, 1987, p. 375).

⁶ Pujadas (1994, p. 17) considera que a identidade colectiva da Madragoa está assente “numa dialéctica de carácter positivo, fruto de intercâmbio e da mútua aceitação”.

comum da delimitação do bairro; (ii) indivíduos ou mesmo grupos com percursos de vida distintos da(s) gente(s) da Madragoa, mas que para ali foram viver (ou nas proximidades) recorrem a registos diferenciados na apreciação do território, respectivamente às outras referências de delimitação; (iii) relativamente ao círculo de conhecimentos/sociabilização, caso este seja restrito ao bairro, freguesia ou envolvente próxima há uma tendência para uma maior precisão na delimitação do local de residência e de identificação local (de modo que aqui a escala de pontuação é algo como bairro/Lisboa); (iv) se o círculo de conhecimentos/socialização é mais alargado (por exemplo, Lisboa), como possivelmente é a situação dos novos moradores, sobretudo aqueles que ali residem há pouco tempo (associados ao processo de *gentrification*), a tendência será para uma referência socio-espacial mais alargada (de modo que aqui a escala de pontuação tende para algo como bairro e/ou freguesia/Lisboa).

Também parece-me significativo a especificidade que o bairro Casal Ventoso, situado em Lisboa, assume como local, sobretudo visível através de um processo de segregação socio-espacial. Essa segregação é manifestamente reforçada pela situação geográfica (encerrado num vale e isolado do tecido urbano envolvente) e pela qualidade intersticial, negativamente conotada com: (i) uma ocupação de encosta através da construção de baixo custo tecnológico - reflectindo-se num tecido urbano constituído por um intrincado sistema de casas, barracas, pátios/vilas, ruas/ruelas/escadarias -, sendo um território bastante distinto da envolvente urbana alargada; (ii) actividades socio-económicas marginais (tráfico e consumo de drogas).

Se nos colocarmos numa posição de morador do Casal Ventoso, a principal referência social e espacial são os seus pátios/vilas e o próprio bairro, pois aqui vivem e elaboram as suas principais relações sociais. É no bairro que estruturam as suas principais redes de interconhecimento, caracterizando um posicionamento espacial representativo da ideia de território fechado - neste senso, esta condição é semelhante ao que sucede no bairro da Madragoa. Mas ali o território é o resultado de uma acção que valoriza um determinado espaço, num determinado tempo, para uma determinada função (o que não exclui a existência de outras). Por princípio o espaço é a-funcional, mas o uso e apropriação do mesmo definem funcionalidades simbolicamente demarcadas. A apropriação espacial é territorialmente marcada no tempo: não é o mesmo entrar no Casal Ventoso pela manhã, à tarde ou à noite, nem é indiferente entrar pelo sentido Norte ou Sul - respectivamente Sete Moinhos e Casal Ventoso de Baixo (e actualmente também a Avenida de Ceuta).

Todavia, enquanto na Madragoa se observou a tendência para os habitantes mais antigos demarcarem as suas referências sociais e territoriais a partir de uma valoração positiva dos seus limites-interstícios - paralelamente ao facto dos habitantes com maior estatuto socio-económico, sobretudo aqueles que vivem num bairro ao lado, a Lapa, reforçarem este aspecto a partir de uma dinâmica de exclusão socio-espacial. No caso do bairro Casal Ventoso a lógica de organização e arranjo socio-espacial é, aparentemente, diversa. A sua “alta visibilidade” é respectivamente - quer pelos habitantes locais, quer pelos habitantes da envolvente - conotada de forma negativa. Para os seus habitantes a forma de ultrapassarem a segregação de que são sujeitos passivos e activos inicia-se numa tentativa de aproximação física com os territórios envolventes, mas também por uma aproximação “situacional” e “egocêntrica” destes territórios através da mobilidade extra-bairro (Goffman, 1976).⁷ Para os não-habitantes do Casal Ventoso (os habitantes da envolvente próxima, com destaque para aqueles que residem em Campo de Ourique) a forma de ultrapassarem a proximidade com o respectivo bairro, quer seja física, “situacional” ou “egocêntrica”, concretiza-se através da tentativa de separação/exclusão simbólica - deste bairro e das suas gentes - do seu quotidiano físico e situacional.

As estratégias verificadas na organização e apropriação do espaço também podem ser interpretadas com base nas esferas de desenvolvimento das transacções e deslocações das pessoas. Para Claval (1987) as pessoas desenvolvem as suas transacções em função das distâncias a serem percorridas, indicando valores específicos a estas áreas, peculiarizando cada uma das esferas através de estratégias de uso e apropriação e controlos exclusivos. Esta perspectiva encontra alguma correspondência com a abordagem que Remy (1988, 1994) desenvolve sobre a mobilidade espacial como factor estruturante da organização socio-espacial. Mas nesta reflexão, aquilo que importa salientar é que a perspectiva de Claval, permite uma interpretação gradual das dinâmicas socio-espaciais bastante próxima da ideia de abordagem em escala. Neste sentido, as áreas/zonas de mobilidade identificadas se caracterizam pela: (i) *frequentação quotidiana* - a distância a percorrer é tão curta que não é en-

⁷ É curioso observar que a aproximação “situacional” e “egocêntrica” que alguns moradores do Casal Ventoso fazem dos territórios envolventes ao bairro é proporcionada, por exemplo, pelo uso de um vestuário estilizado e acessórios de decoração e ostentação (utilização de jóias, como por exemplo, colares e anéis de ouro).

tendida como dificuldade, podendo proporcionar um maior tempo de permanência na área, respectivamente a uma maior ligação cognitiva e afectiva com a área; (ii) *áreas que abrangem a influência do bairro* - sendo um raio de acção maior mas que não compromete a possibilidade de conhecimento e de interacção socio-espacial (sendo a partir desta área possível observar a existência ou não de processos de inclusão ou de exclusão socio-espacial); (iii) *áreas fora da “zona de improvisação e de espontaneidade”* - o comportamento implica estratégias e a necessidade de meios de transportes mais elaborados, a distância implica um custo e torna-se um “obstáculo à expansão do sistema de interacção”. Aqui entra-se num mundo externo cuja complexidade (cidade, região, país) exige um maior conhecimento, disponibilidade e outras estratégias na organização e apropriação do espaço.

Contudo, não desejo aqui afirmar que a ideia de bairro é sinónimo de lugar. O que parece-me essencial é reter que, através de uma abordagem escalonada e do conhecimento da organização e arranjo socio-espacial, bem como das práticas sociais e culturais, é possível dizer que, apesar da globalidade da cidade, alguns dos seus bairros são lugares.

Lugar: espaço comum dos processos de transformação socio-cultural

Todavia, local e significado não são elementos estanques no tempo e no espaço. O espaço - aqui entendido como o mundo habitado - é um espaço de produção, reprodução e desenvolvimento das sociedades, apresentando-se como um espaço em contínua transformação, quer do ponto de vista dos processos socioculturais, quer da reflexão que sobre ele se faz. Se é que caracterizamos alguns elementos representativos de especificidades locais, é também saliente considerar que a racionalidade destes espaços-locais se articula com uma racionalidade externa e global. Daí a importância em olhar as dinâmicas socio-espaciais a partir do conhecimento das relações intermediárias, de contiguidade e de complementaridade entre o global e o local.

As especificidades e os respectivos significados locais vêm-se constantemente confrontados com a emergência de novas/outras formas arquitectónicas, novos espaços de comunicação, informação e redes de interacção, novas propostas de intervenção, renovação, salvaguarda e requalificação, etc. - construindo “nova(s) urbanidade(s)” ou ainda “novas formas de habitar”. As relações de contiguidade e complementaridade entre as lógicas locais e as lógicas glo-

bais - entre os espaços degradados/abandonados e os espaços de valor patrimonial, os espaços tradicionais e modernos, espaços rurais e urbanos, etc. - parecem identificar uma “dinâmica que articula, de forma original, as referências locais e globais” (Silvano, 1996).⁸

Por exemplo, o Casal Ventoso, devido às suas condicionantes geo-urbanísticas e sociais, encontra-se num processo de intervenção cujo objectivo é integrar (ou reintegrar) o bairro e a suas gentes no tecido global da cidade através de uma operação de renovação/reconversão socio-urbanística.⁹ Mas por outro lado, os modos de vida subjacentes àquela realidade permitiram, através de uma actividade alternativa e marginal, acesso à sociedade global e de consumo (acesso aos bares, restaurantes e discotecas, aos meios de transportes modernos, recurso aos utensílios electrónicos modernos: rádios, telemóveis, vídeos, etc.). Salienta-se ainda que o próprio fenómeno de tráfico de drogas se inscreve numa dinâmica que excede as realidades locais. Pensar o Casal Ventoso como espaço específico não é de todo uma consideração que se faz somente a partir dos seus limites internos, pois tal não permitiria pensar a realidade do bairro através de uma dinâmica que articula lógicas socio-espaciais locais e globais.¹⁰

Interessa também referir a forma e a intensidade com que alguns fenómenos sociais e urbanos mais globais se manifestam nos núcleos históricos da cidade de Lisboa - o aumento do movimento e das actividades terciárias; a entrada de novos habitantes com outros modelos culturais e maiores recursos económicos; as mudanças de estatuto socio-económico dos habitantes paralelamente à alteração das suas condições de habitação e das suas referências

⁸ Um exemplo paradigmático de um espaço que se faz específico a par das suas remodelações, são as transformações que o habitat rural português (e de certa forma o urbano também) tem vindo a sofrer com as casas dos emigrantes. Aqui cruzam-se três elementos: a casa de origem tradicional, a casa dos sonhos e a casa dos países de acolhimento. A especificidade arquitectónica dos locais de origem dos emigrantes é confrontada com a vivência residencial diversificada e que, ao ter em conta a tecnologia industrial, as referências de organização do espaço dos países de acolhimento (símbolo da referida ascensão) e dos circuitos da moda, se tornam indicadores das “suas novas práticas e de uma nova urbanidade” (Villanova et al., 1994).

⁹ Destaque para a Operação de Reconversão e Integração Urbana do Casal Ventoso e que tem apoio do Programa URBAN da comunidade europeia. Inclusivamente, esta operação já destruiu parte do bairro, realojando uma parte dos moradores do bairro em novos edifícios localizados na envolvente alargada do bairro. Enquanto outra parte da população será futuramente realojada nos novos edifícios (em torno de 500 fogos) que estão a ser construídos na envolvente próxima do bairro.

¹⁰ Ver Chaves (1996).

simbólicas ao nível do uso e apropriação do espaço; o processo de reapropriação do ideal de património urbano; o processo de reabilitação; o fenómeno da droga e o sentimento de insegurança -, desencadeiam um processo de *remodelação* das referências socio-espaciais.¹¹

Parece-me que estabilidade, manutenção, mudança, transformação, articulação, correlação, sobreposição e justaposição são algumas das noções chaves para o conhecimento das dinâmicas socio-espaciais presentes no processo de construção das identidades socio-locais. Veja-se, a título de especulação, algumas das dinâmicas socio-espaciais que parecem estar presentes na percepção, arranjo e qualificação dos bairros tradicionais de Lisboa. Uma primeira designei por *interna (local)* e refere-se à lógica de produção e reprodução das dinâmicas socio-locais e à especificidade e peculiaridade das acções/práticas simbólicas de uso, apropriação e arranjo do espaço. Uma outra dinâmica remete para questões mais *externas (globais)*. Neste sentido, observa-se que os habitantes destes bairros se projectam numa sociedade global e de consumo, investindo (na medida do possível) na promoção do seu estatuto socio-económico, na melhoria das suas condições habitacionais e numa maior mobilidade socio-espacial - nas suas referências simbólicas e cognitivas são introduzidas a ideia de conforto, modernidade, facilidade de deslocação, etc. Ao qual ainda se salienta que, em termos espaciais, bairros e/ou áreas inicialmente peculiares mas integrados na malha urbana tornam-se, através da reabilitação urbana, análogos no que diz respeito à imagem urbana requalificada, havendo uma maior extensão do fenómeno e, nesta perspectiva um indício de remodelação nas referências socio-espaciais.

¹¹ Também é interessante observar as transformações e respectivas dinâmicas de remodelação socio-espacial nas áreas que se constituem como bairros de habitação social, sobretudo aqueles que se caracterizam por populações oriundas de barracas. A título especulativo, parece-me que o realojamento é indicador de uma remodelação/reformulação das referências socio-espaciais por parte de dois tipos de populações e áreas residenciais: (i) aquelas que são transferidas para o novo bairro - com a eminência de uma dinâmica de adaptação funcional e simbólica que articula as memórias do local de origem com a novidade da casa/bairro novo e respectiva promoção do seu estatuto residencial; (ii) aquelas que já residiam na área de instalação do bairro de habitação social antes mesmo da sua instalação e cuja adaptação funcional e simbólica se dá a par de uma dinâmica que articula, de forma positiva, negativa ou neutra as memórias, valores e, eventualmente: a *despromoção residencial* - caso sejam populações num processo de consolidação do seu estatuto económico (bairros de classe média-baixa, média-alta ou alta) ou a *promoção residencial* - caso sejam populações que vivam em bairros de barracas ou degradados e cuja proximidade de uma nova urbanização poderá alterar positivamente os seus estatutos residenciais (Freitas; Menezes, 1997).

Por último há a considerar a existência de uma dinâmica que articula as duas lógicas anteriores, complexificando a realidade. Isto é, a condição de espaços auto-centrados inerente à realidade destes bairros atrai novos/outros estilos de vida, novas/outras actividades económicas (*a busca do diferente*) - um fenómeno de reapropriação do património urbano - , multiplicando os universos de referência socio-espaciais, os interesses e o número de actores sociais interessados no local (moradores, políticos, empresários, novos moradores, técnicos, agentes da segurança pública, etc.) e confrontando os habitantes mais antigos com novas lógicas de uso, apropriação e arranjo do espaço. Notar ainda que os habitantes mais antigos para além de aspirarem a valores mais globalizantes e da classe média, também se apoiam nas suas memórias, tradições rituais e no arranjo do seu território para explicar os seus locais de vivência e afirmarem a sua pertença territorial.

Por exemplo, o processo de remodelação socio-espacial que presentemente se observa no bairro da Madragoa, permite, por ora, destacar duas dinâmicas. A primeira corresponde ao processo de reabilitação urbana que, ao pretender revitalizar e requalificar os espaços físicos, sociais, culturais e económicos, abre o bairro ao mundo exterior (novas actividades, novos moradores, novos estilos de vida). A segunda prende-se com a apropriação de valores socioculturais associados às classes médias urbanas - inclusive encarado como um projecto de vida por parte dos habitantes já residentes no bairro -, sobretudo através de um maior investimento simbólico, material e social no espaço da casa. Observa-se um indício de alteração social, cultural e económica na população do bairro - quer ao nível de antigos residentes, quer ao nível dos novos moradores -, paralelamente ao redimensionamento das suas referências de sociabilidade (tradicionalmente identificadas com os espaços extra-casa, sobretudo com a rua) e num maior investimento na formação socio-educativa das gerações procedentes.

As ruas e o bairro no seu todo, inicialmente referências fundamentais na consolidação do território *madragoense*, passam a dialogar com os espaços exteriores ao bairro – espaços reais ou virtuais (e.g.: a televisão, o telefone/telemóvel, o vídeo, etc.). Ao mesmo tempo a casa (inicialmente um espaço subjugado nas referências socio-simbólicas ao nível daquela população), passa a ser considerada como uma das principais referências da mudança de estatuto socio-económico e cultural. Ao tomar o espaço da casa como um exemplo que permite compreender algumas das dinâmicas socio-espaciais que se manifes-

tam na Madragoa observa-se: quer a reprodução de um modelo “tradicionalmente” reconhecido como *típico* dos bairros populares – através das fachadas degradadas, decoradas com plantas ou com as roupas estendidas ou ainda com as vassouras e esfregões pendurados nas janelas –; quer a introdução/produção de um novo modelo, claramente marcado pela novidade, daí a distinção social – com a introdução de novos materiais nos acabamentos e fachadas, bem como na introdução de novos elementos de decoração e divisão dos espaços interiores –; quer com a recuperação dos valores patrimoniais - condizendo com a emergência de um novo estilo, que visa a distinção social através da reapropriação de alguns elementos tradicionais –; quer ainda através da articulação/justaposição destes outros modelos e estilos. Por conseguinte, o processo de adaptação contínua ao meio, reproduz elementos já existentes ao mesmo tempo que se apropria de elementos de mudança, revelando a importância em se compreender as dinâmicas socio-espaciais da Madragoa a partir da noção de “novas formas de habitar”.

Estes “novos” fenómenos induzem o aparecimento de uma lógica que se faz cada vez mais dialogante com o mundo exterior a par da emergência de situações socio-espaciais, cuja apropriação dos limites se expressa pela ambiguidade.¹² O bairro da Madragoa, inicialmente lugar de referência total e quase exclusiva dos seus habitantes, ao tornar-se um dos pólos do fenómeno de reapropriação do património urbano, identifica a emergência de outras lógicas de orientação e de fixação do espaço.

Os habitantes do bairro não são, porém, elementos passivos de um processo de abertura e intervenção mas, pelo contrário, também eles se projectam num processo de construção desta nova situação. Assim, a qualidade de espaço auto-centrado e introvertido entra em relação com uma lógica cujo uso, apropriação e representação do espaço são modulados pelo seu carácter de externalização.

¹² Tuan (1980, p. 243) refere-se à noção de bairro como uma “construção da mente que não é essencial para a vida amistosa; o seu reconhecimento e aceitação dependem do conhecimento do mundo externo. O paradoxo pode ser expresso de outra maneira: os residentes de um verdadeiro bairro não reconhecem a extensão e singularidade de sua área a não ser que conheçam as áreas contíguas; mas quanto mais eles conhecem e se relacionam com o mundo exterior menos se envolvem com a vida de seu próprio mundo, seu bairro que, portanto, será cada vez menos um bairro”.

Entre o que muda e o que fica: um processo contínuo de remodelação sócio-espacial

Num estudo sobre a freguesia de Alte no Algarve, Raposo (1995, p. 212;213) refere que “a identidade local entrecruza-se com elementos regionais, nacionais e internacionais. As casas antigas são metamorfoseadas no volume e na decoração, os antigos elementos de distinção são substituídos pelas novas marcas de modernidade e de conforto, tomadas dos diversos universos de referência e justapostas à estrutura existente”. Também Filomena Silvano (1994) num estudo sobre a transformação da identidade - em Guimarães, Vizela e Santa Eulália - refere a originalidade do processo dinâmico e articulador que emerge da correlação entre os *géneros de vida tradicionais* e os *géneros de vida urbanos*.

Parece-me interessante retomar estas questões a partir da noção de *remodelação*. Esta noção permite discutir de forma articulada as dinâmicas de manutenção e transformação. Por um lado, algumas representações são conservadas através da memória, pois os grupos sociais reafirmam a sua identidade e perspectivam a sua continuidade cultural através da gestão do seu património cultural. A memória social existe somente por ter como referência um contexto socio-espacial, ou seja, está localizada nos espaços materiais e mentais das sociedades humanas (Connerton, 1993). Por exemplo, na Madragoa existem elementos de referência socio-espacial retidos na memória - entre os quais se destacam: os espaços representativos à leitura/percepção da história local (através de uma reprodução oral), à origem e características da população, aos personagens representativos do bairro, ao convívio social/tradições, às personalidades que deram destaque ao bairro e às festas/comemorações - que possibilitam a sua continuidade/reprodução cultural.¹³

O acto de recordar o passado identifica uma dinâmica subjacente a um processo de armazenamento, recuperação e combinação de informação. Assim, o “antigamente” no bairro da Madragoa é recuperado de forma a combi-

¹³ Para Roberto Da Matta, “tempo e espaço precisam para serem concretizados e sentidos como “coisas”, de um sistema de contrastes. Cada sociedade tem uma gramática de espaços e temporalidades para pode existir enquanto um todo articulado, e isso depende fundamentalmente de actividades que se ordenem também em oposições diferenciadas, permitindo lembranças ou memórias diferentes em qualidade, sensibilidade e forma de organização” (1991, p. 41).

nar a informação do passado com a informação produzida no presente, respondendo as questões colocadas na actualidade. Este processo de acumular, recuperar e combinar informação revela respectivamente a dinâmica subjacente ao processo de formação de uma identidade local. Neste sentido, a identidade é constantemente reformulada e expõe-se a partir de “novos pensamentos” que aparecem como um processo de articulação entre aquilo que ainda é referência dos tempos passados e aquilo que é referência (real ou virtual) no tempo presente (Fentress e Wickham, 1994).

Para Connerton (1993) o conhecimento, conservação e transmissão do passado são possíveis através de *performances* rituais, sugerindo como exemplo as cerimónias comemorativas e as práticas corporais que se assumem pela sua condição de *performance*. Portanto, na Madragoa a relação entre memória e ritual é uma referência fundamental para o entendimento da consolidação, formação e respectiva afirmação da identidade colectiva - neste sentido, destaca-se o ritual das marchas populares e as comemorações cíclicas relativas as festas dos Santos Populares. Memória e ritual são elementos de uma fórmula que permite que a Madragoa continue *sendo* a par das suas *remodelações*.

Por outro lado, a noção de *remodelação* permite lidar com as transformações, que podem ser lentas ou rápidas. Ao conferirmos importância à capacidade prospectiva da memória (intimamente relacionada com um acto de reflexão sobre o futuro e com as aspirações) fazemos alusão à ideia de projecto. Memória e projecto articulam-se, correlacionam-se e/ou justapõe-se, dando significado à identidade dos indivíduos, pois ambos são “visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas acções, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas da sua trajectória” (Gilberto Velho, 1994, p. 101).¹⁴ Se a memória é uma constante busca de significados, o projecto é como uma estratégia de invenção/criação de uma alternativa individual, social, espacial e/ou temporal.

O entendimento da ideia de projecto como uma capacidade humana que reflecte o desejo de produção/criação de alternativas, permite paralelamente considerá-lo como um desejo de apropriação dos tempos vindouros. Boutinet

¹⁴ Gilberto Velho (1994, p. 27) ainda relaciona a noção de *projecto* com a de *campo de possibilidades*, entendendo que esta última trata “do que é dado com as alternativas construídas no processo socio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura”, de modo que serve de auxílio para a “formação e implementação de projectos” (p. 40).

(1990) considera que, simbolicamente, a ideia de projecto pode ser interpretada como uma negação da ideia de morte pela sociedade, ou seja, a possibilidade de uma sociedade se projectar prolonga, em termos subjectivos, a sua existência real.¹⁵ Contudo, o projecto é constituído num tempo presente e este tempo reflecte três condições relacionadas entre si: em continuação, em actuação e em projecção. A ideia de projecto permite tratar o tempo vivido a partir da *imagem de um passado continuado no presente*, bem como permite uma aproximação com as representações relativas às novas formas de habitar, usar e apropriar o espaço da cidade.¹⁶

No caso dos habitantes da Madragoa foi possível notar que o projecto está identificado com as seguintes aspirações: (i) família - promoção socio-educativa e profissional, saúde; (ii) casa – conforto, mais espaço, modernização, melhoria das infra-estruturas e dos acabamentos; (iii) bairro – segurança (de forma a ser “mais parecido com o que era antes” – morador), imagem (arranjo das fachadas dos edificios), higiene/limpeza, mais espaços de socialização e equipamentos.

Para Boutinet (1990) o projecto expressa-se como expressão lógica da ligação acção/conduita, de modo que infere um carácter utilitário e mais racionalizado; e como paradigma simbólico da realidade que, ao manifestar-se criativamente, é operacionalizado através de uma perspectiva de transformação, o que em termos de conduta faz referência a um carácter mais existencial (ou seja, é um ideal).

O projecto infere, então, uma conduta criativa que se manifesta a partir de um tempo vivido. Portanto, em termos gerais, dir-se-ia que no bairro da Madragoa o projecto se manifesta: (i) pela proposta de intervenção urbana enquanto reabilitação; (ii) como expressão das novas condutas sociais e de apropriação do meio; (iii) como manifestação de um desejo/aspiração (e.g.: o projecto de vida: a casa dos sonhos). O desejo (aspiração) de um novo modelo de casa, rua,

¹⁵ Segundo Boutinet (1990) a ideia de projecto societário chega-nos com a crise socio-económica, correspondendo a necessidade de antecipação daquilo que poderá vir.

¹⁶ Ressalva-se também que era interessante abordar o processo de transformação socio-espacial do Casal Ventoso relativamente às memórias e aos projectos dos seus habitantes. Parece-me que uma perspectiva de conhecimento que levasse em consideração estes aspectos possibilitaria uma melhor compreensão das dinâmicas socio-espaciais que ali se manifestam, bem como auxiliariam um trabalho a ser desenvolvido numa óptica da sociologia da acção.

bairro ou família, reflecte respectivamente o desejo do grupo social produzir uma nova ordem, contudo sem se perder a perspectiva histórica desta mesma realidade (Boutinet, 1990) e, neste sentido, falou-se na importância da memória e do ritual.

É no tempo presente que se busca concretizar sonhos ou criar condições para que estes sejam viáveis num futuro próximo. Mas também é no tempo presente que se reflecte a vontade (ou não) de reprodução de uma identidade local, as transformações efectivamente ocorridas, a dificuldade na concretização dos sonhos/desejos/aspirações, bem como da falta ou dificuldade de iniciativa social no sentido de transformar. Neste sentido, Filomena Silvano (1994) propõe como modelo de interpretação dos processos que articulam as relações tempo/espaço – actor social/espaço, as seguintes proposições: “espaços de permanência (memória), que podem ser pensados negativamente (permanência da falta), com os espaços das transformações imaginadas (projectos) e, ainda, com os espaços das transformações ocorridas, valorizadas positivamente (liquidação da falta) e negativamente (criação da falta)”. O que, no caso da Madragoa, permite cruzar três lógicas: (i) a reprodução de uma ordem socioespacial enquanto “espaços de permanência”; (ii) o desejo de mudar – relacionado com um ideal de projecto e, (iii) a falta/dificuldade de iniciativa – relacionado com uma carência (“criação da falta”). Relativamente à falta de iniciativa, de uma inércia que por exemplo é visível na Madragoa na emergência de um processo de degradação socio-ambiental, não faz sentido entendê-la como uma simples reprodução de uma ordem tradicional que se pretende estática. Isto é, a concepção tradicional/ancestral de que as sociedades se reproduzem no espaço e no tempo sem sofrerem alterações, não faz sentido em termos da ideia de projecto e nega a relação continuação/transformação/remodelação. A realidade não é um mundo estático, é mutável. As tradições ditas *populares* também se transformam, principalmente se considerarmos o diálogo existente entre lógicas endógenas e lógicas exógenas ou entre as razões locais e as razões globais – ou o *bricolage do quotidiano*.

O *bricolage do quotidiano* que se verifica na Madragoa articula e correlaciona representações, *a priori*, distintas entre si: (i) é um local que no imaginário colectivo é considerado como tradicional e típico, sendo a peculiaridade da tradição local representada sobretudo através da importância que os rituais comemorativos assumem – quer na representação exógena, quer endógena – na expressão de uma identidade local; enquanto por outro lado, a

própria lógica de reapropriação do património urbano, e neste sentido dos bairros tradicionais (quer com a reabilitação urbana, quer com a entrada de novos moradores, quer ainda com a especulação terciária e imobiliária) recupera e projecta simbolicamente um ideal de bairro tradicional e típico; (ii) é um local cujos habitantes também estão interessados em promover a melhoria do seu estatuto socio-económico e as suas condições habitacionais, de modo que se espelham em referências socioculturais mais globais e indicadoras de um ideal de modernidade.

Algumas considerações

Neste texto, reflecto sobre a importância de se entender o lugar como a forma pela qual o espaço se torna objectivo e visível. De modo a considerar que para uma aproximação com o lugar é importante identificar quais são os elementos que permitem demarcá-lo, daí a importância da noção de limite enquanto interstício.

Contudo, ao demonstrar como certos bairros podem ser identificados como lugares a partir da sua posição social e espacial na malha da cidade, procurei ainda discutir as dinâmicas de manutenção e transformação inerentes à estes contextos. No entanto, ao defender que o local se relaciona e se articula com o global, procurei demonstrar a importância em se entender esses lugares a partir de um processo contínuo de remodelação socio-espacial. Para demonstrar como certos lugares continuam a par das dinâmicas de transformação utilizei, então, as noções de memória e projecto.

Defendo que a ideia de remodelação permite conhecer e estudar as dinâmicas socio-espaciais como um processo de (re)criação ou invenção constante *dos espaços-habitat*, das *formas de habitar* e das *formas de pensar o habitat*. Ao que parece-me relevante citar Filomena Silvano (1994):

a questão das *identidades* culturais não pode ser abordada no exterior de uma reflexão sobre as novas formas de organização do território. Sobretudo porque assistimos a uma coexistência de formas diversas: as lógicas tradicionais permanecem, coexistem e, mais do que isso, articulam-se, com as lógicas modernas. É por isso importante não só identificar as formas espaciais mas também compreender as articulações e os desajustes produtores de movimento.

Referências

- AUGÉ, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Lisboa: Bertrand, 1994.
- BOUTINET, Jean Pierre. *Anthropologie du Projet*. Paris: PUF, 1990.
- CASAL, Yáñez. *Les processus de socialisation rurale au mozambique*. Tese (Doutorado)–Université de Paris I Pantheon-Sorbonne, Paris, 1986.
- CHAVES, Miguel. *Da gandaia ao narcotráfico: marginalidade económica e dominação simbólica num bairro de Lisboa*. Dissertação (Mestrado)–Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, 1996.
- CLAVAL, Paul. *Geografia do homem*. Coimbra: Livraria Almedina, 1987.
- CONNERTON, Paul. *Como as sociedades recordam*. Lisboa: Celta, 1993.
- COSTA, A. Firmino. Modes de vie et action collective. *Espaces et Sociétés*, Paris: L' Harmattan, n. 79, p. 107-124, 1995.
- DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- FENTRESS, J.; WICKHAM, C. *Memória social*. Lisboa: Teorema, 1994
- FREITAS, M. J.; MENEZES, Marluci. *Coabitação espacial e processos identitários*. Actas III Encontro Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais: Dinâmicas multiculturais, novas faces, outros olhares, Lisboa, 1997.
- GOFFMAN, E. *Relations in public: microstudies of public order*. New York: Harper Torchbooks, 1976.
- JEUDY, Henri P. *A sociedade transbordante*. Lisboa: Edições Século XXI, 1995.
- MENEZES, Marluci. Casal Ventoso – da fragmentação visual à segregação socio-espacial. *Revista Mediterrâneo*, Lisboa, n. 2, p. 21-32, 1994.
- MENEZES, Marluci. *Territórios e representações colectivas do espaço: estudo de caso: Bairro da Madragoa*. Dissertação (Mestrado)–Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1996.

MENEZES, Marluci. Representações colectivas e reformulações sócio-espaciais no bairro da Madragoa. *Sociedade e Território*, Lisboa: Afrontamento, n. 25-26, p. 89-105, Fev. 1998.

MENEZES, Marluci; REBELO, M.; CRAVEIRO, J. L. *Bairro Casal Ventoso: elementos para uma caracterização socio-ecológica*. Lisboa: LNEC: ITECS 17, 1992.

PELLEGRINO, Pierre. *Espace, représentation de l'espace et négociation narrative des représentations*. Paris, Les Editions de la Villette, 1981. Espace & Représentation.

PELLEGRINO, Pierre. Espace social, representations collectives et transformations du territoire. In: LA THEORIE de l'espace humain: transformations globales et structures locales. Genève: CRAAL-FNSRS: UNESCO, 1986.

PUJADAS, Joan J. Processos sociais e construção de identidades nas periferias urbanas: os casos de Lisboa e Catalunha. *Revista Mediterrâneo*, Lisboa, n. 4, p. 11-20, 1994.

RAPOSO, Isabel. *Alte: na roda do tempo*. Alte: Casa do Povo de Alte, 1995.

REMY, Jean. La limite et l'interstice: la structuration spatiale comme ressource sociale. In: LA THEORIE de l'espace humain: transformations globales et structures locales. Genève: CRAAL-FNSRS: UNESCO, 1986.

RÉMY, Jean. O espaço e a sociologia. *Jornal de Letras*, Lisboa, 15 Ago. 1988, 1988.

RÉMY, Jean; VOYÉ, Liliane. *A cidade: rumo a uma nova definição?* Lisboa: Afrontamento, 1994.

SANTOS, Milton. Raison universelle, raison locale. Les espaces de la rationalité. *Espaces et Sociétés*, Paris: L' Harmattan, n. 79, p. 129-135, 1995.

SCHULZ, Christian Norberg. *Genius loci*. Milano: Electa, 1992.

SILVANO, Filomena. *Mobilidade e enraizamento: as transformações da identidade: um estudo das representações do espaço em Guimarães, Vizela e Santa Eulália*. Tese (Doutorado)–Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1994.

SILVANO, Filomena. *Entre o local e o global*. Comunicação apresentada no Seminário “Antropologia e Estudos Urbanos” organizado pelo ISCTE, Lisboa, 1996.

TUAN, Yi-fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Rio de Janeiro: Difel, 1980.

VELHO, Gilberto. *Projecto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, Otávio. *Valores sociais, modernidade e movimentos sociais, vistos da perspectiva dos processos de globalização*. In: Actas do III Enc. Luso-Afro-Brasileiro de C. Sociais: Dinâmicas multiculturais, novas faces, outros olhares, Lisboa, 1996. v. 1, p. 57-64.

VILLANOVA, R.; LEITE, C.; RAPOSO, I. *Maisons de rêve au Portugal*. Paris: Éditions Créaphis, 1994.